

Canastra Suja

Depois de visitar o Nordeste nas oníricas fábulas existenciais de **Minutos Atrás** (2013), com sua estampa de cordel, e do lúdico **Por Trás do Céu** (2016), Caio Sól volta ao Rio de Janeiro de **Teus Olhos Meus** (2011) – mas não aquele das praias e da boêmia, e sim o do subúrbio, que só vai à Barra para trabalhar. O jovem e prolífico diretor, vindo do teatro, sai também de um cinema bem autoral e encontra um caminho de maior comunicação com o público, na proximidade criada com a família disfuncional em decadência de **Canastra Suja** (2016).

A história é pontualmente dividida em cartas do baralho que simbolizam casa membro deste clã: Batista (Marco Ricca), o pai e rei alcóolatra desta tragédia, segundo o cineasta; Maria (Adriana Esteves), a mãe e dona-de-casa em busca de algo que lhe dê prazer em sua rotina; Emília (Bianca Bin), a filha dividida entre duas possibilidades de amor; Pedro (Pedro Nercessian), o filho em constante conflito com o pai e em busca de um rumo em sua vida; e Rita (Cacá Ottoni), a caçula que é autista.

O elenco coeso e em forte sintonia, do qual também se destaca David Junior como o namorado e amigo que circunda a família, constrói os personagens além desses rótulos, usados aqui só para evitar detalhes da trama. Por isso, os planos longos, com uma câmera na mão presente de modo natural, permitem aos atores se desdobrarem em extensos diálogos que acentuam suas ótimas performances. Tendo ao fundo um roteiro que se apresenta como um desvelar contínuo de seus tipos humanos, como nas cartas do baralho, **Canastra Suja** apresenta uma força narrativa impressionante, ainda que se renda a isto no final, preterindo os personagens.

Como diz a mais clássica das músicas de karaokê, Sól vai “negando as aparências, disfarçando as evidências” no que ele afirmar seu um jogo “para os personagens e para o público também”. Nisso, o cineasta joga, de maneira igualmente eficiente e errônea, com as expectativas e os prejulgamentos da plateia, com suas visões machistas, homofóbicas e racistas. Às vezes, o filme utiliza o estereótipo criativamente para enganar o espectador e depois desconstruir esta imagem, mas, em outras, se aproveita dele ostensivamente somente em função do humor ou ainda reforça um olhar preconceituoso através dele.